

# PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS SOBRE EXCLUSÃO NO ENSINO SUPERIOR

## MEANING PRODUCTION ON EXCLUSION IN HIGHER EDUCATION

### DINÁMICAS DE PRODUCCIÓN DE SENTIDO SOBRE LA EXCLUSIÓN EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Suzi Brum \*  
suzibrumpsi@gmail.com

Silviane Barbato \*\*  
silviane.barbato@gmail.com

Valéria Marques de Oliveira \*\*\*  
valeriamarques@ufrjr.br

\*Discente no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, Universidade de Brasília/DF – Brasil

\*\* Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília-DF – Brasil

\*\*\* Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/RJ – Brasil

---

#### Resumo

Neste artigo apresentamos um estudo de caso com objetivo de analisar a produção de significados de estudante cego sobre práticas excludentes no acesso e permanência na universidade. Nesse processo, a pessoa com necessidades educacionais específicas participa e produz espaços relacionais e históricos de identificação. O estudante participou de entrevista narrativa submetida à análise dialógico-temática. Os resultados indicaram que as dinâmicas de produção de significado foram construídas em três temas centrais: a) vivências em espaços de invisibilidade; b) vivências em espaços de isolamento nas vivências cotidianas escolares de segregação; e c) vivências em espaços de negociação dos movimentos sociais. Em sua interpretação sobre sua experiência no Ensino Superior, as vivências em práticas excludentes são produzidas na tensão entre forças hegemônicas e contra hegemônicas. Enquanto os processos excludentes orientam-se à homogeneização das identidades, espaços abertos de quebra de comunicação e produção de significados promoveram posicionamentos agenciais do estudante em processos interacionais, e espaços híbridos de identificação desencadearam o exercício da singularidade.

**Palavras-chave:** exclusão social; produção de significado; identidade

#### Abstract

This text aims at analyzing the production of meaning of a blind student on exclusion practices in the access to and permanence in Higher Education. In this process, the person with different educational needs takes part and produces relational and historic identification spaces. The student took part in an in-depth interview that was submitted to the dialogic thematic analysis. Results indicated the following themes: a) experiences in invisibility spaces; b) isolation spaces in daily segregation school experiences, and c) experiences in social movements negotiation spaces. In his interpretations of experiences, the exclusion was produced by the tensions between hegemonic and counter-hegemonic forces. It was also observed that as exclusion processes were oriented to the homogenization of identifications, opened rupture spaces in communication and meaning production promoted the student's agentic positions in interactions; and hybrid identification spaces prompted the exercise singularity.

**Keywords:** Social exclusion; production of meaning; identity

#### Resumen

Este texto tiene como objetivo analizar la producción de significados de un estudiante ciego sobre prácticas de exclusión en el acceso y permanencia en la enseñanza superior. En este proceso, la persona con diferentes necesidades educativas participa y actúa en la producción de espacios de identificación relacionales e históricos. El estudiante participó de una entrevista en profundidad con el estudiante y se realizó un análisis dialógico-temático. Los resultados indicaron los siguientes temas: a) experiencias en espacios de invisibilidad; b) espacios de aislamiento en experiencias escolares cotidianas de segregación, y c) experiencias de negociación en espacios sociales. Además, fue observado que en cuanto la exclusión fue orientada a la homogeneización de las identificaciones, los espacios abiertos de ruptura en la comunicación y en la producción de significados promovieron posiciones agenciales del estudiante en las interacciones, y los espacios híbridos de identificación promovieron el ejercicio de su singularidad.

**Palabra claves:** exclusión social; producción de significado; identidad

---

## INTRODUÇÃO

Os fenômenos humanos engendram processos socioculturais enquanto sistemas dinâmicos, abertos e incorporados (OVERTON, 2015) que iluminam formas preferenciais de ser, sentir e pensar. A exclusão como produção social (BRUNER, 1997) está em relação dialética com as condições de desenvolvimento das pessoas, impactando nas dinâmicas de identificações pessoais e sociais. As identificações processam-se mediadas por interpretações macroestruturais (BOURDIEU, 2010) e micro estruturais, por interpretações de si, do outro e do mundo. Historicamente, a deficiência foi interpretada como produto de forças sobrenaturais, justificando práticas de exclusão, abandono e eugenistas. Sua subsequente neuropatologização enfatizou aspectos biologizantes, dificultando a compreensão dos processos de desenvolvimento (GIL, 2009) em condição, muitas vezes, atípicas de socialização. A produção desses complexos de significados é atualizada, no senso comum cotidiano, e encontra-se frequentemente orientada à negação dos direitos e necessidades humanas. Neste artigo apresentamos um estudo de caso com objetivo de analisar a produção de significados de estudante cego sobre práticas excludentes no acesso e permanência na universidade<sup>1</sup>.

A subversão dos espaços desencadeada pelos processos de globalização e glocalização (CANCLINI, 2013) atua, entre forças de permanências e mudanças, ora monologizando discursos eficazes na fixidez e inculcação dos preceitos da sociedade de classes (BOURDIEU, 2010) ora gerando possibilidades diferenciadas de identificações. O campo de forças, gerador e gerado, no encontro de enunciações revela que processos de massificação engendram diferentes dinâmicas de hibridizações (CANCLINI, 2013), concretizados em paradoxos da contemporaneidade, que institui o poder, entre visibilidades e invisibilidades, e instaura a possibilidade de seu questionamento como condição para a emergência de novos acontecimentos.

A exclusão pode referenciar noções de pobreza, inclusão precária e/ou risco social que destacam suas dimensões políticas e econômicas (MELAZZO, GUIMARÃES, 2010), tornando-se necessário associá-las às produções subjetivas e relacionais (BRUNER, 1997). Para além dos mecanismos de exclusão social marcados por relações de poder no uso da força física, deslocamos o olhar às expressões

---

<sup>1</sup> Este estudo faz parte da dissertação de mestrado intitulada: “O não-lugar na universidade: espaços de isolamento e sua influência na construção da identidade”, de Suzi Brum de Oliveira, sob orientação da Profa Dra Valéria Marques, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ em 2015. Disponível em <<https://tede.ufrrj.br/jspui/bitstream/jspui/2011/2/2015%20-%20Suzi%20Brum%20de%20Oliveira.pdf>>. Acesso em julho de 2019.

da violência silenciosa (BOURDIEU, 2010). Violência veiculada nos discursos que posicionam uma pessoa ou grupo social como subalternos; “em que o chamado destituído... é deixado de lado, sendo seu lugar e ação preenchidos com rótulos negativos” (VIEIRA; FURINI; NUNES, LIBÓRIO, 2010, p. 35). Contudo, centralizar o sujeito na construção dos processos de exclusão entende-se que sua legitimação requer reconhecimento, internalização e produção de significados que instituem os espaços e seus atores na condução de práticas (BOURDIEU, 2010; BRUNER, 1997) excludentes. Historicamente, os mecanismos de exclusão foram se modificando, atualizados em significados que enfatizam, por exemplo, liberdades e/ou restrições de reivindicações de importantes segmentos da população brasileira por direitos, em jogos entre o que é conhecido e/ou em transição de ser considerado como sinal de normalidades x deficiências, resultando em enfraquecimento-acirramentos de diversas dinâmicas de violação e violência pessoal-institucional.

Ao tratar do fenômeno da exclusão social adotamos como dispositivo de nomeação, os espaços de isolamento, o não-lugar (AUGÉ, 2012), como concretização ambivalente entre processos de exclusão e inclusão perversa, geradas em estratégias de massificação e modificações simultâneas de produções e atuações genuínas de resistências locais. Ergue-se um arsenal de símbolos e veículos na produção de significados que transformam necessidades humanas em projetos de vida com as insígnias de beleza, pureza e/ou ordem (BAUMAN, 2005). O não-lugar se materializa de uma forma específica de interpretação e apreensão da realidade sendo, pois indissociável da cultura, em que sistemas de direitos e deveres são negociados e se desdobram, em eventos sociais cotidianos, necessários para as realizações das intenções e projetos futuros dos sujeitos e suas comunidades (HARRÉ, 2012). Trata-se assim, de um cronotopo (BAKHTIN, 1981) em que diferentes arranjos de territorialidades ao se constituírem espaços identitários, relacionais e históricos lançam o sujeito a vivências de menos valia pela desvalorização das pessoas, fragilização dos vínculos e naturalização das práticas excludentes (SANTOS, 1998). Os espaços de isolamento são relacionais, construídos no momento do encontro dos interlocutores (BAKHTIN, 1981), em que são forjados mecanismos de visibilidade e invisibilidade, enquanto estratégias que operam também na desqualificação do outro.

Enquanto espaço experiencial, os espaços de isolamento, organiza territorialidades ao se instituírem espaços identitários, relacionais e históricos sob práticas discursivas autoritárias; a dimensão identitária em oposição a sua constituição em processos de diferenciação, quando de fato são interdependentes. A identidade forjada no não-lugar assume um caráter fixo de ordem natural que estabelece estratégias de negação da diversidade. A dimensão relacional é destituída de seu caráter dinâmico e aberto, situando o sujeito em uma rede de posicionamentos, (HARRÉ, 2012), orientados por

códigos prescritivos e absolutos indexados ao sujeito. O não-lugar implica, ainda, em estratégia de descontextualização do sujeito, retirando-o de sua condição de ser histórico. Estabelece-se uma relação contratual, o poder se exercendo pelo *Ethos* do autocontrole como mecanismo de exclusão social, nas sociedades ocidentais, para domínio da mente, corpo e destino disseminado em valores e crenças com raízes afetivas de preconceitos socioculturais (MADUREIRA, 2007), desconstruindo historicidades e sentimento de pertencimento,

Os espaços de isolamento ou não-lugares têm sido produzidos nos diferentes níveis de escolarização e formação acadêmica em que estudantes com necessidades educacionais especiais podem participar de processos interacionais orientados à vivências cotidianas de solidão, naturalização e banalização. O papel que as universidades desempenham, enquanto uma dimensão da cultura, com frequência, é facultada a fabricar e sustentar o *status quo*. Deste enquadre histórico, o fracasso escolar é atribuído à pessoa e, sobretudo, à pessoa com deficiência, por estar associado à leitura reducionista, dissociada da leitura do fenômeno enquanto produção social e complexa (BRUNER, 1997). No entanto, o poder hegemônico se encontra sempre em estado de instabilidade, dada a reflexividade e agencialidade humana (GILLESPIE, 2007; GLĂVEANU, 2015), em que o outro-diferente, real ou imaginário, oportuniza diferentes modos de ser, mesmo diante situações adversas, momentos críticos, em que o sujeito revisita suas possibilidades de respostas como um *ground* semiótico, as atualiza orientado ao futuro, entre imaginação e criatividade, como possibilidade de enriquecimento das experiências vividas em alteridades (ZITTOUN, DE SAINT-LAURENT, 2015).

No campo sócio-político observamos a necessidade de transposição do discurso da igualdade para o da equidade e singularidade. Igualdade, equidade e singularidade são noções distintas, mas não excludentes. É necessário considerar o processo de diferenciação como condição de identificação e, portanto, singularização em que equidade implica distribuição de recursos humanos, culturais, materiais e financeiros orientados a diversidade humana. Noções estas, relevantes na implantação e gerenciamento de políticas de fato inclusivas (GÓES, LAPLANE, 2007) porque respeitadas e reconhecidas as diferenças como constitutivas dos diferentes modos de subjetivação. O debate político sobre universalização, acessibilidade, equidade como preceitos de inclusão social evidenciam, no entanto, os paradoxos da prática cotidiana local diante o texto da Lei.

A garantia de acesso e permanência na universidade, embora desigual, vem ocorrendo de forma gradativa, em função de avanços legais e ordenação de políticas públicas brasileiras, acrescida das conquistas dos movimentos das pessoas com deficiência e sociedade organizada no processo de consolidação da inclusão como um princípio educacional e uma questão de justiça social (GESSER,

NUERNBERG, 2017). Verifica-se este aumento gradativo de ingresso de estudantes em cursos de graduação, na modalidade a distância, de 463.093 em 2018 para 1.373.321 em 2018, totalizando um aumento de 40% neste período. Observa-se também aumento no número de matrículas de alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação de 20.530 em 2009 para 43.633 em 2018, totalizando um aumento de 0,52%. No que se refere a alunos com baixa visão e cegueira somam-se um total de 12. 288 matriculados no ensino superior no ano de 2018 (INEP, 2019). Estes indicadores expressam um avanço, no entanto, constata-se obstáculos enfrentados no dia-a-dia (SELAU; DAMIANI, COSTAS, 2017). No que se refere aqueles com deficiência visual, destacam-se obstáculos atitudinais relativos à práticas discursivas que orientam a maneira como é visto e tratado, falta de qualificações na relação pedagógica e descrédito das potencialidades da pessoa cega, como também obstáculos arquitetônicos, processos estes geradas pelo desconhecimento das necessidades específicas e singularidade do sujeito cego. O sujeito se desloca entre práxis de consolidação do democrático e práxis excludentes, antagonismos que podem conduzir à reflexão sobre lidar com as diferenças humanas.

A produção da cultura universitária canalizada a ações afirmativas e inclusivas requer criticidade e contextualização, de modo que a relação ensino-aprendizagem constitua a qualidade dos processos interacionais, oportunizando tomada de decisões conscientes e responsivas como práticas emancipatórias, sensíveis e empáticas (OLIVEIRA, SATRIANO, 2014). Universitários com deficiência visual, em destaque aqueles cursando na modalidade a distância, necessitam de relações colaborativas e adaptações de diferentes recursos e softwares que permitam inclusão social e digital, de modo a garantir sua participação, mediadas por tecnologias assistivas distintas (SHIMAZAKI; SILVA, VIGINHESKI, 2015).

Interessados em momentos de transição de desenvolvimento gerados por vivências de descontinuidades e rupturas de experiências (ZITTOUN, DE SAINT-LAURENT, 2015) nos aproximamos da narrativa de um universitário de ensino à distância, na sua condição de deficiência visual, sobre práticas excludentes no acesso e permanência na universidade. A pessoa é agente, reponsiva e reflexiva, atos de criatividade marcam a agência humana, em emergência do *self*, no espaço relacional eu-outro. Nas dinâmicas intersubjetivas (BERALDO; LIGORIO, BARBATO, 2017), em atividades, os elementos da relação são negociados, em tensões, entre o canônico, canalizado em atuações previsíveis e usuais instituídas em crenças e valores atualizadas historicamente, e excepcionalidades como significados emergentes (BRUNER, 1997). Nesse sentido, entre mudanças e permanências, as políticas públicas implicam diálogos entre profissionais que as estudam, discutem e

implementam e os cidadãos, em zonas de contato, para que as políticas sejam endereçadas com finalidade de produzir melhorias nas condições de vida da população.

A abordagem narrativa do *self* (VIEIRA, HENRIQUES, 2014) implica em considerá-lo como constituído por uma multiplicidade de vozes, dinâmicas e interagentes, como endereçamento-resposta ao outro, no intrincar-se do tu és-es sou (VOLOCHÍNOV, 2006). Os interlocutores, mediados pela cultura, interpreta e (re)descreve o mundo orientados a ação e autorregulação pessoal e coletiva (VALSINER, 2012). Deste feito, a narrativa constitui-se como elemento fundante e organizador da experiência humana, como meio de acessar e interpretar a cultura e como importante fonte de estudo da mente. O cuidado metodológico como ato reflexivo do pesquisador, em atitude ética, está em considerar a história de vida narrada como processo de co-construção, atualizada na atividade da entrevista, fundada na natureza não-finalizada das pessoas (VOLOCHÍNOV, 2006).

## O ESTUDO

Trata-se de um estudo qualitativo de caso fundamentado na abordagem sociocultural e dialógica com uso de entrevista narrativa (JOVCHELOVITCH, BAUER, 2002) e submetido à análise dialógico-temática (MIETO, BARBATO, ROSA, 2016). Procedemos a transcrição da entrevista compondo um texto único e posterior aplicação de leitura intensiva para identificação e sistematização dos dados, o estudo da produção de significados, em interações, revela a polifonia dos processos e princípios e a organização dos significados em temas que expressam o sentido da enunciação, a partir de elementos redundantes, similaridades e ambivalências da produção discursiva do estudante.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de ética (COMEP 23083.005977/2014-50) e cumpriu-se as exigências de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e autorização para gravação das entrevistas. A escolha do participante foi realizada por conveniência e acessibilidade, de acordo com contato prévio e aceitação de convite, ser universitário com necessidades educacionais especiais acima de 18 anos.

João, nome fictício, é morador de um município do interior do Estado do Rio de Janeiro, 42 anos, casado, pai. Desenvolveu a deficiência visual aos 16 anos de idade. História escolar em ensino público, universitário cursando o segundo ano da faculdade de pedagogia, modalidade a distância, em uma

universidade pública da capital do Estado. Exerce a função de funcionário público e representante em Conselho de Direitos.

Os resultados indicam que o discurso foi organizado a partir da ambivalência entre: - o enunciado de (des)qualificação da fala do outro, em práticas discursivas corriqueiras e cotidianas, revelando estratégias de inclusão perversa e, - negociações com o coletivo orientados a posicionamentos, em contextos, na defesa de direitos das pessoas com deficiência. Para efeito de análise, organizamos os temas em conjuntos de enunciados, em relação dialógica (figura 1), com ênfase nas dinâmicas de produção de si, em contextualizações. A enunciação acomoda diferentes camadas discursivas, em tensão, resultante de um consenso que fornece sentido a si, o outro e a situação distribuídos em quadros semântico-axiológicos. Os discursos carregam valores e crenças, em expectativas, que orientam as práticas sociais cotidianas orientados a narrativas emancipatórias.

Os processos de identificações, orientados a práticas ético-políticas, materializam sua voz em tomada de decisão, negociando uma existência digna ante um país socialmente desigual. A alteridade como constituinte do sujeito, em relações de endereçamento-responsividade e atos de reconhecimento-pertencimento, enlaça intencionalidades comuns à posição ativista transformadora, concretizada em narrativas emancipatórias. A produção de narrativa reflexiva, mediada pela palavra-ação, em produção das interpretações de si, do outro e do mundo gera as condições históricas e sociais também por meio de ambivalências na produção de significados na narrativa, instituindo o sujeito agente em desenvolvimento por meio de três temas principais:

1. Vivências de invisibilidade - o discurso direcionado a pessoa com deficiência demarca estratégias de segregação, a partir de atributos negativos que destinam a um lugar da menos valia. A fala é desqualificada ou mesmo negada.
2. Vivências em espaços de isolamento: estratégias de segregação - os espaços de isolamento como elemento presente e constituinte da narrativa em vivências de ambiguidade quanto a discursos e práticas ditas inclusivas, seus paradoxos e contradições. Estratégias de visibilidade do diferente que para além do ideário inclusivo separa e segrega.
3. Vivências em espaços de Negociação dos movimentos sociais - os movimentos sociais como um contraponto ao canônico, de onde o sujeito pode vir a emergir de uma narrativa singular, portanto como lugar de afirmação das identidades em processos sociais.

Com a finalidade de organização e tematização dos enunciados desenvolvemos um quadro com os temas e os significados que os formam. Os movimentos dialéticos e dialógicos estão indicados pelas setas bidirecionais que destacam as relações, em tensão, produzidas em diferentes níveis discursivos com ênfase e recorte aos propósitos deste estudo. Em seguida são acrescidos os significados no contexto da narrativa com sua posterior análise.

Tematização: temas e significados

Temas e Subtemas			
Temas	Vivências de invisibilidade	Vivências em espaços de isolamento: estratégias de segregação	Vivências em espaços de Negociação dos movimentos sociais
S I G N I F I C A D O S	- apesar de informar... o leitor que encaminham... não tinha conhecimento técnico	- Depois de três tentativas... consegui entrar e aí é outra briga"	- dei um prazo pra eles me darem uma resposta e tomar uma atitude... se não vou entrar no Ministério Público
	- Já fiz a reclamação... não surtiu efeito nenhum	- a minha vida não é só universidade... a fala deles me preocupa ...que eu tenho que me virar	- vamos ter que dar as nossas contribuições e pra toda pessoa deficiente visual o atendimento não é o mesmo.
	→ Outra e nova briga ... solicitei a eles que fizessem uma reflexão... Então é uma fala que não se concretiza	- o local ao meu lado fica vazio... as pessoas ficam com receio... se dirigi a quem está nos acompanhando...	- Se não me aproximasse... a importância de estar se agrupando... são cidadãos, por isso criamos a associação.
	- a mesma fala para o aluno da capital não pode ser imposta p'ro aluno que está no interior	questões... que foram transmitidas de pais para filhos... também acontece na universidade... se mantém relativamente a distância... colegas não nos convidam... no local de trabalho... e de pessoas... falarem alto, ou como se estivesse falando com uma criança	- quando eu fiquei cego... as coisas infelizmente não iriam se modificar com um pedido de por favor
	- não cumprem com minhas necessidades... não perguntam pra mim... e ignoram ainda a minha fala		- eu comecei a buscar informações...
	- nós somos prejudicados desde o vestibular		- a gente observou a importância de estarmos juntos, isso trouxe consciência de lutarmos em grupo
			- a pesar de não ser fácil acordar e não ver o sol, não foco nisso, trabalho, contribuo para meu país, cuido da família.

Figura 1: produção de significados em interações [↔ Tensões]

B - Contextualização dos significados organizados aos temas, em uma dinâmica temporal, que não sendo linear expõe a dialogicidade do self.

### 1. Vivências de invisibilidade

Na narrativa são identificadas práticas da exclusão social e suas estratégias de atualização na construção dos espaços de isolamento. João fala de seu ingresso na universidade, *“Antes de ingressar enfrentei grande dificuldade que foi o vestibular, tentei três vezes... na terceira consegui... apesar de informar à universidade que sou uma pessoa com deficiência... o leitor ... não tinha conhecimento técnico”*. Disputas entre padrões hegemônicas e contra hegemônicas podem desencadear discursos monológicos que expõe uma sociedade que não garanta de forma equitativa os direitos de acessibilidade e mobilidade social. Diante os impasses quanto à concretização de discursos e práticas inclusivas, João insiste: *“fiz a reclamação no primeiro vestibular, até o momento não surtiu efeito, não houve mudança”*. Os fenômenos humanos são multideterminados e contextualizados e demandam outros olhares, discursos e atitudes, em tomadas de decisão.

Buscando um lugar de agencialidade, diz ser *“Outra e nova briga”* quanto a permanência na universidade; *“solicitei a eles que fizessem uma reflexão ... que fosse garantido meus direitos ... para que pudesse acessar plenamente as informações ... é uma fala que não se concretiza.”* João expõe as contradições discursivas, dinâmica dos multiplanos em polifonia, entre permanências e mudanças. *“Um contrassenso”* diz, *eles falam desse ‘Programa sem barreiras’ que acontece na capital, eu estou no interior, então a fala para o aluno da capital não pode ser imposta p’ro aluno no interior”*. Os Núcleos de acessibilidade das universidades dependem, muitas vezes, dos esforços empreendidos por alguns profissionais, alunos e outros representantes, encontrando-se distanciado da cultura institucional. O discurso de promoção de autonomia atua como uma abstração, porque descontextualiza o sujeito; *“eles querem estimular a autonomia, mas isso é um absurdo, porque não tem estrutura ... não cumprem com minhas necessidades... e ignoram a minha fala”*. Em atualizações, entre o ingresso e permanência na universidade, *“nós somos prejudicados desde o vestibular, desde sempre.”* Deste feito, os processos de produção de si significam sua historicidade e oportuniza ações futuras de representatividade em defesa da pessoa com deficiência.

### 2. Vivências em espaços de isolamento: estratégias de segregação

“*Depois de três tentativas... consegui entrar e aí é outra briga*”, insiste ao se reinventar em um campo de forças, entre direitos e deveres assimétricos, culturalmente canalizados, que ora monologiza e ora dialogiza os encontros com o outro. Em atividades cotidianas João endereça a seus interlocutores; “*a minha vida não é só universidade, eu trabalho, tenho família, perguntei se calcula a dificuldade que tenho... a fala deles me preocupa ...que eu tenho que me virar*”. João vai se produzindo no próprio embate com seus interlocutores, entre os silêncios e o vozerio.

Entre o cômico e o trágico vivência, em tensões, o cotidiano em processos de posicionamentos, em cronotopos; “*eu sento no ônibus... o ônibus vai enchendo e o local ao meu lado fica vazio... quando nos dirigimos a loja, o vendedor se dirige a quem está nos acompanhando ... são questões culturais transmitidas de pais para filhos, ... isso também acontece na universidade, temos tutores que perguntam de que forma eles podem ajudar e tem tutor que se mantém relativamente a distância... colegas de faculdade formam grupos e não nos convidam... no local de trabalho a gente vai fazer alguma solicitação e a pessoa se dirige ao companheiro que enxerga... o medo do que é diferente, por ignorância, falta de informação ... por ter disseminado uma cultura que a pessoa com deficiência, cega, deveria ter um comprometimento intelectual, auditivo, acontece das pessoas chegarem e falarem alto, ou como se estivesse falando com uma criança.*” João se vê entre estratégias de descrédito, infantilização, incapacidade ou anormalidade, de onde é convocado a emitir sua voz de autoria.

### 3. Vivências em espaços de Negociação dos movimentos sociais

Em vivência de quebra da comunicação o narrador atualiza suas ações, em posicionamentos, dado a diversidade de perspectivas nos diferentes contextos que enriqueceram qualitativamente as interpretações de si, “*dei um prazo pra eles me darem uma resposta e tomar uma atitude que atenda minhas necessidades se não vou entrar no Ministério Público ... entendo ser radical, mas necessário*”, evidenciando que a narrativa é ação que inclui avaliação e produção de si. João já enunciava que se tratava de “*Outra e nova briga*”, demarcando o tensionamentos no encontro com alteridades, entre práticas hegemônicas e contra hegemônicas.

A diversidade é condição de constituição do humano, “*a questão da inclusão é um processo relativamente novo, por mais dolorido que é... vamos ter que dar as nossas contribuições*”. Filiar-se,

negociar e compartilhar significados o localiza em cronotopo aberto como coparticipante que lhe confere identidade, *“Se não me aproximasse de pessoas com as mesmas dificuldades, seria mais difícil... a importância de estar se agrupando é que não é um pedido, são cidadãos, por isso criamos a associação”*. Sujeitos e contextos estão em relação dialógica, *“quando eu fiquei cego comecei a observar que as coisas não iriam se modificar ... comecei a buscar informações”*, e nos espaços coletivos materializam-se as negociações na produção social, *“quando chego em um ente público como pessoa é uma coisa ... como representante de entidade ... tem outro peso, a gente observou a importância de estarmos juntos, isso trouxe consciência de lutarmos em grupo”*.

João desenha um lugar ético-estético-político, lugar de assinatura, portanto, de identificação em que atualmente exerce o lugar de presidente do conselho, *“eu tenho essa responsabilidade de buscar a melhoria para mim, mas também para os companheiros”*. João se posiciona na relação de endereçamento e responsividade. Portanto, se resume, mas não se esgota, *“hoje me considero forte ... apesar de não ser fácil acordar e não ver o sol, não foco nisso, trabalho, contribuo para meu país, cuido da família”*. Trabalharmos com o conceito de cultura implica entendê-la como uma forma de modificação construtiva no curso natural das coisas, de transformações qualitativas.

João nos impacta com sua lucidez e transita por sua temporalidade; *“a vontade em muitos momentos é ir pra casa e esperar a morte chegar... eu sei que isso é um processo... eu sei da importância dessa luta... e compartilhar com meus colegas”*. João se refaz na sua própria condição de ser agente e em vivência de ruptura biográfica vai ao passado e se projeta ao futuro enquanto possibilidade de traçar Outro lugar de existência. No *in-between* (re)faz-se; *“quando eu percebi que eu realmente estava cego... e quando eu convivi com outras pessoas... isso gerou em mim uma reflexão... que eu preciso continuar lidando com minha dificuldade e preciso contribuir pra vida de outras pessoas... hoje eu estou presidente do conselho ... eu tenho essa responsabilidade”*. De um lugar de empatia e responsividade é convocado ao diálogo como possibilidade de expansão do self em novas habilidades.

## DISCUSSÃO

A narrativa traçou dinâmicas polifônicas, em produção de si, orientadas por vivências de invisibilidade, estratégias cotidianas de exclusão-inclusão e coparticipação e negociação em espaços coletivos, em processos de reflexividade (GILLESPIE, 2007), orientados a novos espaços identitários

como, por exemplo, ser funcionário público atuando no debate e implantação de políticas orientadas a acessibilidade e mobilidade de pessoas com deficiência e ser ‘chefe’ de família responsável também pelas condições de vida material-afetivas. A exclusão social vai além de cultivar um discurso político e definir formas de distribuição de bens econômicos, de certo são fatores estruturantes das sociedades, seu projeto se materializa quando articulado aos sistemas de atividade humana em que envolve produção de significação, em relações de poder.

A tensão gerada, em espaços intersubjetivos (BERALDO; LIGÓRIO, BARBATO, 2017), desde quando o participante se entende cego; criado em bairro pobre; com limitações de recursos; vivências de preconceitos até as tentativas no vestibular e sua participação na universidade em contraponto a “*não se entregar à morte*” ou sua resignação, se deslocando em meio à busca por informações, coparticipação e ativismo configurou o campo de luta, em cronotopos, orientados por objetivos individuais e histórico-coletivos, canalizados em ações por garantia de direitos. Tais embates emergem da dialogicidade do *self* (HERMANS, 2001), em cronotopos, que geram reflexividade e forjam sua identidade. O movimento e encontro entre alteridades, inscrevem a disjunção na relação simbólico-concreto, eu-outro e presente-passado-futuro fundante do sujeito sociocultural e histórico (GILLESPIE, 2007; GLĂVEANU, 2015).

Relações de descrédito, infantilização, incapacidade ou anormalidade promoveram vivências cotidianas entre “*o trágico e o cômico*” negando a própria condição humana de inacabamento (VOLOCHÍNOV, 2006). Atualizações em modos de agir, pensar e sentir incorporados com a internalização de padrões hegemônicos, concretizados em práticas sociais rotineiras, expõe o narrador a cerceamentos nas condições de acessibilidade e mobilidade social e o impulsiona a solicitar que “*fizessem uma reflexão*”. Os pontos de viragem (MCLEANS, PRATT, 2006), em se perceber cego e sua entrada na universidade geraram quebras de comunicação e ambivalências (ABBEY, VALSINER, 2005), oportunizando auto-regulação, negociada nos jogos de posicionamentos-eu↔outro (HARRÉ, 2012). Essas dinâmicas da relação de endereçamento e responsividade (VOLOCHÍNOV, 2006), entre contextos sociais, oportunizaram novas formas de ser em “*outras e novas briga*”, deslocando a ideia de “*esperar a morte chegar*” para o posicionamento de “*contribuir com os companheiros, com o país e cuidar da família*”.

O processo de emancipação encontra-se abstraído do sujeito, encerra a discussão no campo da lei quando imprescindível incluí-la nas práticas sociais, em diálogos, enquanto processos interdependentes e sistêmicos. A violência simbólica age pela disseminação e aplicação do pensamento dedutivo, onde todos precisam se reconhecer na regra geral, caso contrário, é indexado atributos de anormalidade e/ou incapacidade (BOURDIEU, 2010; VALSINER, 2012). As vivências em espaços de isolamento

instituem-se em estratégias de exclusão-inclusão perversa, entre relações de respeito e a intolerância subjacente à pseudoaceitação. O discurso da promoção de autonomia concretiza-se ambivalente, na descontinuidade do discurso que gera “*surpresa*”, já que a crença era de que não experimentaria, práticas excludentes em “*instituição de renome de quem olha do interior*”.

Transitar, por fronteiras, entre enunciados sobre a deficiência que carregam histórica e socialmente noções como falta, falha, contágio, doença, perigo (CLÍMACO, 2019) e enunciados de equidade em respeito às necessidades humanas, organizam hierarquias de crenças e valores que regulam os discursos, as identidades e atividades sociais (VALSINER, 2012). Nas dinâmicas polifônicas dos processos de significação, o trabalho de síntese semiótica orienta uma tomada de perspectiva, em salto imaginativo (ZITTOUN, DE SAINT-LAURENT, 2015), como ato criativo, em que revela sua singularidade no coletivo, a “*importância de estar se agrupando*”; de “*buscar informações*” e a consciência de que “*quando vivencia a deficiência e vemos pessoas com deficiência, problemas menores, maiores nos fortalecem... esbarrei com uma menina cega, surda, deficiente mental com ânimo de vida... trouxe-me um ânimo para enfrentar a vida*”. Há o retornar do outro modificado e a expansão de horizontes em novas possibilidades (GLĂVEANU, 2015) de ser, estar e sentir.

A educação inclusiva requer reflexividade em processos coletivos e espaços de desenvolvimento e singularização. Nos encontros com a alteridade, o narrador negociou os significados, em posicionamentos, de um lugar ético-estético-político em que se abre a sua própria humanidade e a do outro. A produção de narrativas emancipatórias envolve acordos entre a cultura pessoal e coletiva em que João insiste e resiste como ato de fala; “*apesar de não ser fácil acordar e não ver o sol, não foco nisso, trabalho, contribuo para meu país, cuidado da família*”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua interpretação sobre a experiência no Ensino Superior, as vivências em práticas excludentes são produzidas na tensão entre forças hegemônicas e contra hegemônicas. Enquanto os processos excludentes orientam-se à homogeneização das identidades, espaços abertos de quebra de comunicação e produção de significados promoveram posicionamentos agenciais do estudante em processos interacionais, e espaços híbridos de identificação desencadearam o exercício da singularidade.

As práticas discursivas são reguladas por significados de possibilidades de produção de lugares e não-lugares. A dimensão do não-lugar como espaços de isolamento, na contemporaneidade, canaliza construções históricas, emblemáticas de uma era que transforma o ato criativo em nulidades e pessoas em objetos que podem ser valorados em conotações depreciativas. A contemporaneidade situa o humano em um contexto que se faz na intertextualidade entre o saber canônico e o excepcional, gerando novas possibilidades de identidades. Os significados ambivalentes orientam e são orientados por sentidos de inclusão↔não inclusão, estar junto↔estar só, luta↔desistência, condição↔sem condições de vivências equânimes↔promessas de vivências equânimes, de modo que o sistema semiótico-axiológico orienta à homogeneização das identidades e também espaços de quebra de significações. A dificuldade de ingressar na universidade como marcador do paradoxo entre a práxis cotidiana e os documentos legais da educação inclusiva apresenta-se na *“fala que não se concretiza”*, a ambivalência discursiva em espaços de identidades híbridos tornou possível sua singularidade. A voz em primeira pessoa, em jogos de posicionamento entre estratégias de visibilidade e invisibilidade, *“a voz que não quer calar”* resiste ao lugar de submissão, embora não sem dificuldades, e atua entre o direito à aquisição de recursos equânimes, em respeito à sua condição singular, e o dever, como ato coletivo, de representatividade em resposta ao outro. João se posiciona no coletivo, em ações orientadas a pauta dos direitos sociais e atuando como profissional, estudante, esposo, pai, porque dos encontros é possível *“um ânimo para enfrentar a via ... essa consciência de lutar em grupo”*.

Discursos e práticas orientadas a eliminação, segregação e integração historicamente vêm sendo questionada em prol de uma educação inclusiva, considerando processos de diferenciação como iminentes à constituição da pessoa e uma prerrogativa de práticas equânimes. A educação inclusiva demarca um campo de lutas na concretização de uma nova ética do estar junto.

As possibilidades de rompimento de barreiras epistemológicas, de tomada de conscientização e emancipação relacionam-se às condições de socialização e elaboração de um projeto para o desenvolvimento humano. A inclusão na universidade relaciona-se a recursos para avanço nos processos equânimes de acesso à universidade e atualizações com discursos mais sofisticados na elaboração de estratégias de enfrentamento que vise a permanência e reconhecimento de todos no ensino superior. A discussão sobre a educação inclusiva relaciona-se à problemática da inclusão social e depende de estudos que avancem na compreensão entre os níveis micro e macro das condições de socialização para a compreensão das condições de desenvolvimento, tendo em vista a mudança ética emergente que promove espaços em que os interlocutores são respeitados em suas agencialidades.

É o nosso olhar que precisa ser redirecionado. Se vivemos interconectados como numa grande teia, devemos nos preocupar com o bem-estar de todos. Refletir sobre estratégias e ações direcionadas para os estudantes com NEE, é refletir sobre todo o ambiente universitário, quando toda a comunidade acadêmica terá ganhos significativos.

## Referências

- ABBEY, E.; VALSINER, J. Emergence of meanings through ambivalence. *Forum Qualitative social research*; 6(1). 2005.
- AUGÉ, M. Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. 9ª edição. São Paulo: Papirus. 2012.
- BAKHTIN, M. *The dialogic imagination: Four essays*. Austin: University of Texas Press. 1981.
- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2005.
- BERALDO, R. M. F.; LIGÓRIO, M. B.; BARBATO, S. B. Intersubjectivity in primary and secondary education: a review study. *Research Papers in Education*. 2017.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- CANCLINI, Néstor . García. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP. 2013.
- CLÍMACO, J. La diferencia convertida en discapacidad en los discursos jurídicos y pedagógicos brasileños: un análisis de las leyes de educación especial. *Polyphônia: Revista de Educação Inclusiva*; 3(2): 135-151; 2019.
- GESSER, M.; NUERNBERG, A. H. A participação dos estudantes com deficiência física e visual no ensino superior: apontamentos e contribuições das teorias feministas da deficiência. *Educar em Revista*, 33(3); 2017, p. 151-166.
- GIL, I. L. C. *Processos comunicativos de uma criança com paralisia cerebral no contexto escolar*. Tese. Doutora em Processos de desenvolvimento humano e saúde. Orientação: Profª. Drª Silviane Bonaccorsi Barbato. Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde Universidade de Brasília, Brasília. 2009. Disponível em <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8158/1/2009\\_IngridLapadeCamillisGil.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8158/1/2009_IngridLapadeCamillisGil.pdf)>. Acesso em abril de 2018.
- GILLESPIE, A. The Social Basis of Self-Reflection. In VALSINER, J.; ROSA, A. (Eds). *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*. Londres: Cambridge University Press, 2007. p. 678-691.
- GLĂVEANU, V. P. Creativity as a sociocultural act. *The Journal of Creative Behavior*, 49 (3), 2015, p. 165–180.
- GÓES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. (ORGS). *Políticas e práticas de educação inclusiva*. 3ª edição. Campinas: Autores Associados. 2007.
- HARRÉ, R. Positioning Theory: Moral Dimensions of Social-Cultural Psychology. In Valsiner, Jaan. *The Oxford Handbook of Culture and Psychology* New York: Oxford University Press, 2012.
- HERMANS, H. The dialogical self: Toward a theory of personal and cultural positioning. *Culture & Psychology*, 7 (3);243-281. 2001.

INSTITUTO DE NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCACIONAIS (INEP). Censo da educação superior 2018: divulgação dos resultados.

Disponível em [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/apresentacao\\_censo\\_superior2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/apresentacao_censo_superior2018.pdf) Acesso em janeiro de 2019.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In M. W. Bauer, & G. Gaskell (Org.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (pp. 90-113). Rio de Janeiro: Vozes. 2002.

MADUREIRA, A. F. A. Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a Construção de uma cultura democrática. Tese. Doutora em Psicologia. Orientação: Profª Drª Angela Maria Cristina Echôa de Abreu Branco. Insituto de Psicologia Universidade de Brasília. 2007. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/33529932.pdf>. Acesso em maio de 2019.

MCLEANS, K. C.; PRATT, M. W. Life's Little (and Big) Lessons: Identity Statuses and Meaning-Making in the Turning Point Narratives of Emerging Adults. *Developmental Psychology*. 42 (4); 2006, p. 714 –722.

MELAZZO, E. S.; GUIMARÃES, R. B.; Exclusão social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas. São Paulo: UNESP, 2010.

MIETO, G. S.; BARBATO, S. B.; ROSA, A. Professores em transição: produção de significados em atuação inicial na inclusão escolar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 32 n. esp., pp. 1-10, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32nspe/1806-3446-ptp-32-spe-e32ne29.pdf>. Acesso em janeiro de 2019.

OLIVEIRA; V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico-metodológicas emancipatória. *Linhas Críticas*, Brasília, DF, v.20, n.42, p. 257-282, mai./ago.2014.

Disponível em <http://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/articloe/view/4275/3907>. Acesso em agosto de 2016.

OVERTON, W. F. Processes, Relations, and Relational-Developmental-Systems. In OVERTON, W. F.; MOLENAAR, P.; LERNER, R. (EDS), *Handbook of child psychology and developmental science: Theory and Method*. Nova Jersey: John Wiley & Sons, 2015. p. 9-62.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Edusp. 1998.

SELAU, B.; DAMIANI, M. F.; COSTAS, F. A. T. Estudantes cegos na educação superior: o que fazer com os possíveis obstáculos? *Acta Scientiarum. Education*; 39 (4); p. 431-440. 2017.

SHIMAZAKI, E. M.; SILVA, S. C. R.; VIGINHESKI, L. V. M. O ensino de matemática e a diversidade: o caso de uma estudante com deficiência visual. *Interfaces da Educação*; 6 (18): 148-164; 2015.

VALSINER, J. *Fundamentos da Psicologia Cultural: Mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed. 2012.

VIEIRA, A. B.; FURINI, L. A.; NUNES, M.; LIBÓRIO, R. M. C. Exclusão social: a formação de um conceito. In MELAZZO, E. S.; GUIMARÃES, R. B. (Orgs). *Exclusão social em cidades brasileiras: um desafio para as políticas públicas*. São Paulo: UNESP, 2010. p. 11 – 31.

VIEIRA, A. G.; HENRIQUES, M. R. A Construção Narrativa da Identidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*; 27(1): 163-170. 2014.

VOLOCHÍNOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12ª Edição São Paulo: HUCITEC. 2006.

ZITTOUN, T.; DE SAINT-LAURENT, C.. *Life-creativity Imagining one's life*. In GLĂVEANU, V. P.;

GILLESPIE, A.; VALSINER, J. (EDS). Rethinking creativity: contributions from social and cultural psychology. New York: Routledge. 2015.

Recebido em: 08/09/2019

Aceito em: 30/11/2019

Endereço para correspondência:

Nome: Suzi Brum

Email: [suzibrumpsi@gmail.com](mailto:suzibrumpsi@gmail.com)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).